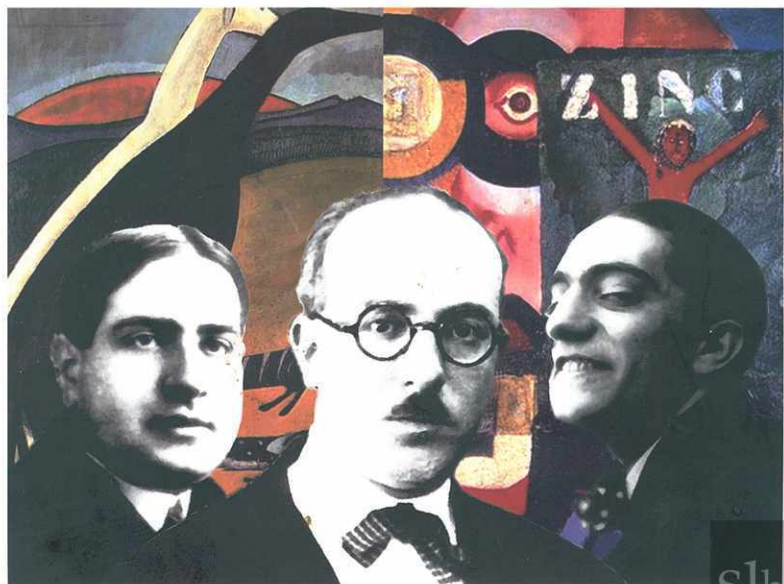


DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação
FERNANDO CABRAL MARTINS



CAMINHOS

Shi

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS
COORDENAÇÃO DE FERNANDO CABRAL MARTINS

Ilustração da sobrecapa: João Botelho

Paginação: Júlio Matias

Revisão: Fernanda Fonseca e Luís Manuel Gaspar

Seleção iconográfica: Luís Manuel Gaspar e Rui Mário Gonçalves

© Editorial Caminho — 2008

Tiragem: 4000 exemplares

Impressão e acabamento: NORPRINT, ARTES GRÁFICAS

Data de impressão: Outubro de 2008

Depósito legal n.º 282 634/08

ISBN 978-972-21-1985-6

www.editorial-caminho.pt



DICIONÁRIO
DE
FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação

FERNANDO CABRAL MARTINS

CAMINH-O

S|hi

teórica de artista contagiado pela «febre de vida moderna». Assim, e por isso, ele mesmo se pôde confessar próximo dos vários *ismos* que euforizavam a época, dando explícito sinal de que todos lhe convinhem no seu projecto de invenção de uma linguagem outra, não enraizada ainda, nem sequer nos movimentos parisienses, que decerto seduziam a sua personalidade ambiciosa e atenta, e muito menos ancorada em qualquer possível tradição pictural portuguesa.

Amadeo é um paradigma do isolamento, da solidão do criador mas em situação paroxística, porque ao mesmo tempo interior e exterior. Que se pode rever apenas em idênticas aventuras de isolamento, como foram as de *Orpheu* ou a procura de um sentido mítico do ser português, igualmente solitária, dessa cruzada metafísica conduzida pelo seu genial amigo e vizinho de Amarante, Teixeira de Pascoaes. Por isso lhe não convinhem, nem ao orgulho nem ao programa próprio, as exposições que portuguesesmente tentavam, através de tímidas propostas, situar ou traduzir uma linguagem modernizante que se ia atropelando em sucessivos mal-entendidos e equívocos. Desdenhando uma e outros, Amadeo não fazia mais do que cumprir o destino que a sua obra já por si mesma traçava. Mas foi em Paris, terreno fértil então, que Amadeo pôde encontrar o ambiente cosmopolita que se adequava às suas inquietações que, por cá, só o pessimismo nihilista do seu brilhante amigo suicida Manuel Laranjeira podia compreender no plano intelectual ou, no emocional, Almada, que nele projectava a sua deliciosa histeria e avidez de universalidade. Tanto não bastaria, porém, em lado algum, para fazer uma geração, quanto mais um movimento...

Bernardo Pinto de Almeida

SPHINX. Com o subtítulo *Revista de Novos*, são publicados apenas dois números em Lisboa, em 1917, com direcção literária de Laura de Almeida Nogueira e Celestino Soares e direcção artística de José Leitão de Barros e Cottinelli Telmo, que hão-de estar na primeira linha da arte moderna em Portugal nas três décadas seguintes, no cinema o primeiro e na arquitectura o segundo. Cottinelli Telmo, assinando com os seus dois primeiros nomes, José Ângelo, publica *Jarrão*, um texto paúlco especialmente arrevezado e

ornamentado de maiúsculas, registo que se repete em dois outros, *Pôr de Sol de Outono*, de um certo Afonso Álvares de Portugal, e *Miragens*, de Norberto Correia. Ou seja, a característica de novidade que a revista reivindica é tomada de um modo radical, embora um pouco fora de tempo. No n.º 2 há um interessante conto de Francisco Mendes de Brito, que é um modernista de segunda linha que nesse mesmo ano publica *Lira de Cibele*, e ainda dois poemas do primeiro Cabral do Nascimento.

Fernando Cabral Martins

SUDOESTE. Dirigida por Almada Negreiros e editada por Dario Martins, a revista *Sudoeste* teve três números, publicados em Lisboa entre Junho e Novembro de 1935. Além destes, como assinala Nuno Júdice no prefácio à edição fac-similada (Lisboa, Contexto, 1982), esteve projectado um quarto número, com colaboração de Pardal Monteiro, Raul Leal, Fernando Amado, Almada, António Pedro, António Madeira, E. Pinto da Cunha, Cecília Meireles, Edmundo de Bettencourt, Luís de Montalvor, Alfredo Guisado e António de Sousa, e incluindo uma carta de Pessoa a José Osório de Oliveira.

Os dois primeiros números de *Sudoeste* apresentavam-se como «Cadernos de Almada Negreiros» e eram exclusivamente preenchidos por textos do autor de *Deseja-se Mulher*. Na capa e na folha de rosto do terceiro número já não figurava o subtítulo, e o volume expressava uma nova concepção, mais conforme com o «modelo habitual de uma “revista literária”» (prefácio à edição fac-similada, p. vi), reunindo colaboração de quase uma vintena de artistas. Ainda segundo Nuno Júdice, *Sudoeste* representou «uma plataforma de (re)lançamento das propostas estéticas comuns à “velha” e à “nova” gerações: a de “Orpheu” (1915), a da “Presença” (1927)» (p. v), vinte anos volvidos sobre o lançamento de *Orpheu* e um pouco menos de dez sobre o de *Presença*. Esse encontro de gerações, porém, apenas se corporiza no terceiro e último número. Almada anuncia no n.º 2: «Com o SW n.º 2 cessam os meus cadernos pessoais. SW n.º 3 inicia a revista de colaboração. São seus colaboradores os da extinta revista *Orpheu* e os da actual *Presença*, de Coimbra. / É com orgulho que SW faz esta